

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A ESTRATIGRAFIA OBSERVADA NO LOCAL DO "BALINEUM" LUSITANO-ROMANO DA EGITÂNIA.

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1966 | Número: 76

Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga, A Estratigrafia observada no local do "balineum" lusitano-romano da Egitânia. *Revista de Guimarães*, 76 (1-2) Jan.-Jun. 1966, p. 109-116.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A estratigrafia observada no local do «Balineum» lusitano-romano da Egitânia

Por D. FERNANDO DE ALMEIDA

e

O. DA VEIGA FERREIRA

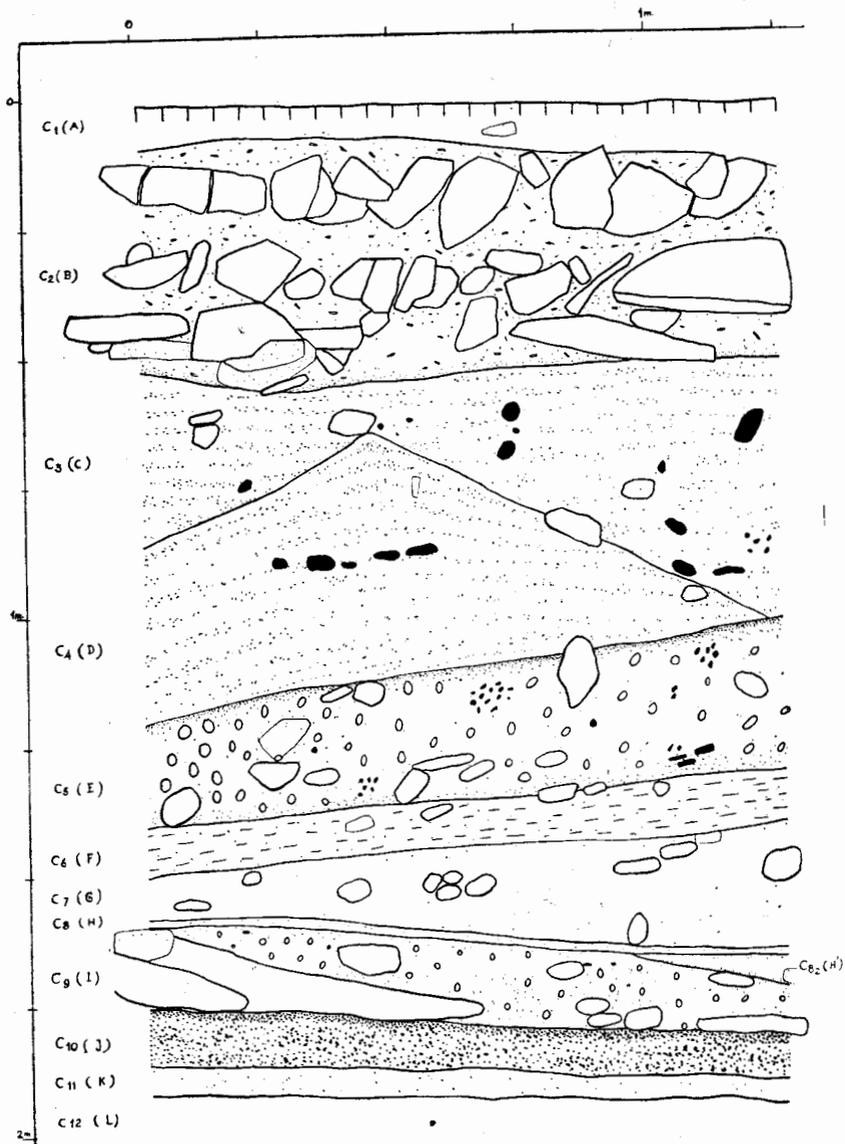
As escavações na Egitânia têm continuado, todos os anos, com resultados bastantes animadores. No entanto, nos primeiros trabalhos nunca tínhamos tido a possibilidade de observar estratigrafia nos locais explorados; tudo tinham revolvido até à base das construções e depredações consecutivas ao longo dos tempos por constante habitação em algumas áreas da velha cidade.

Encontram-se os restos de uma grandiosa construção, fora já dos muros da cidade e para os lados da porta sul: segundo pensamos, devia ter sido um balneário ou, pelo menos, um palácio com aquecimento e reservatórios de água aquecida. Verificamos haver ali possibilidade de fazermos um pequeno corte em estratigrafia, pois não só a espessura do entulho é muito grande, como também nos pareceu, quando da desobstrução da frontaria do edifício, poder existir uma certa ordenação indicativa do que se passara com a destruição do velho monumento.

Para o fim em vista foi escolhido o local por detrás do tanque em *opus signinum*, ainda forrado a mármore no ângulo NO das ruínas.

Colaboraram nos trabalhos de campo a Doutora Margarida Andreatta e as alunas da Faculdade de Letras de Lisboa Seomara da Veiga Ferreira e Maria da Graça Amaral da Costa.

Fizemos um corte de duas frentes em um metro quadrado de superfície do terreno; depois de limpo e nive-



Corte estratigráfico praticado no «balneum» de Egitânia.

lado, foi apuradado na vertical com todo o cuidado, por forma a podermos observar todos os elementos encontrados. Assim, determinámos 12 camadas distintas e essentes directamente sobre o terraço quaternário do rio Ponsul, ou seja sobre a primeira camada geológica.

Os níveis determinados foram 13, que designamos com letras de A a M, sendo este último nível o primeiro estrato geológico. O corte arqueológico de cima para baixo apresenta a seguinte constituição:

- C1 (A) — Saibro humoso com vestígios de raízes modernas; granulometria grosseira e abundantes vestígios de matéria orgânica. Espessura média, 10 cm. Cor cinza escura.
- C2 (B) — Primeira camada de restos de construção constituída por grandes blocos de granito, xisto e calhaus rolados de quartzito, fragmentos de *lateres* e *tegulae* (enrocamento de construção mais moderna). Espessura 40 cm. Cor amarelada, nos interstícios.
- C3 e C4 (C-D) — Camadas compactas de saibro argiloso com pequenos calhaus de xisto, de quartzito e de granito, carvões e fragmentos de *lateres* e de cerâmica de *terra sigillata* (século II A. D.). Encontramos mesmo um fundo de vaso com a marca de oleiro (ZOILO). Espessura, 45 cm. Cor amarela acastanhada.
- C5 (E) — Camada compacta com calhaus rolados de quartzito e de xisto, fragmentos de granito *lateres* e *tegulae* de construção e carvões (mais abundantes que na camada anterior). Espessura, 24 cm. Cor castanha clara.
- C6 (F) — Camada argilosa com cinzas e carvões, fragmentos de xisto de granito e de quartzito, *lateres* etc. Espessura 8 cm. Cor acinzentada.
- C7 (G) — Camada detrítica de saibro grosseiro com bastantes calhaus de pequeno tama-

- nho, de granito, de xisto e de quartzito. Espessura, 21 cm. Cor cinzenta amarelada.
- C8 (G) — Lenticula de saibro granítico amarelado correspondendo a restos de cal e areia de construção (reboco). Espessura, 3 cm.
- C8a (H) — Na extremidade leste do corte anotámos a presença de uma lenticula em cunha com cinzas, carvões, um calhau de xisto e um fragmento de *later*.
- C9 (I) — Camada argilosa com seixos de quartzito, de xisto e fragmentos de *lateres*. Espessura. 15 cm. Cor castanha.
- C10 (J) — Esta camada é quase, na totalidade, constituída por cinzas, e carvões de tal modo abundantes que fizemos uma colheita suficiente para a análise do radiocarbono 14. Além disto há a presença de bordos de *terra sigillata* do século I A. D. Espessura, 15 cm.
- C11 (L) — Saibro granítico amarelado, estéril. Espessura, 8 cm.
- C12 (M) — Terraço da base (terraço do Rio Ponsul). Primeira camada geológica.

O levantamento dos estratos atrás indicados, numa superfície de 1 m quadrado, deu o seguinte resultado:

- C1 (A) — Anotamos, durante o levantamento desta camada, a presença de ossos de animais (*Ovis ou Capra*), dois fragmentos de cerâmica doméstica atípica e um fragmento de prego em ferro.
- C2 (B) — O topo desta camada, é constituído por calhaus de granito e de quartzito; é bastante friável. A crivagem das terras deu dois ossos de *Ovis* ou *Capra*.
- C3 e C4 (C-D) — São constituídos, estes dois níveis bastante compactos, por saibro com cascalho; tem cor amarelada. Encontrámos o seguinte material: um fragmento de fun-

- do de vaso de *terra sigillata* com a marca de oleiro ZOILO, já anotado no corte, fragmentos de ossos de animais, de *terra sigillata* e um fragmento de tijolo romano (*later*).
- C5 (E) — A superfície desta camada é constituída por saibro, pequenos calhaus de quartzito, fragmentos de tijolos de construção (*lateres*) e carvões. O nível é bastante compacto; a cor, castanha clara. A espessura não é uniforme em toda a superfície.
- C6 (F) — Camada compacta de cinzas e de carvões cuja espessura irregular, à superfície, variava entre 6 a 10 cm. Anotámos também a presença de fragmentos de xisto, de quartzito e de granito. O material consta de fragmentos de *lateres* e ossos de animais, inclassificáveis.
- C7 (G) — Camada de saibro de cor amarelada, menos compacta que a anterior e com abundância de calhaus de xisto, de granito e de quartzito (pequeno tamanho). Foi encontrado um fragmento de tijolo de construção, um fragmento de *terra sigillata* e ossos de pequenos animais (inclassificáveis).
- C8 (G) — Camada uniforme por toda a superfície da planta com 3 a 4 cm de espessura, constituída por saibro granítico amarelado e resto de cal, sem a presença de objectos arqueológicos. Pode considerar-se esta camada como o estrato de calça proveniente da demolição da parte superior do antigo edifício.
- C8 (H) — Lenticula em forma de cunha; não acompanha toda a superfície do corte, mas apenas um canto. Tem cor acinzentada, com carvões e pequenos calhaus de xisto e de quartzito. Estéril, sob o ponto de vista arqueológico.

- C9 (I) — Nível compacto, uniforme por toda a superfície da parte escavada; cor castanha escura com 15 cm. de espessura. Fragmentos de xisto, de granito e de quartzito, sem material arqueológico.
- C10 (I) — Camada uniforme em toda a superfície; cor cinzenta escura pela presença de grande abundância de cinzas e carvões provenientes de grande incêndio. Retirámos carvões suficientes para a análise do radiocarbono 14. Esta remessa foi enviada pela Doutora D. Vera Leisner ao Professor Schwabdisen, da Universidade de Colónia, para se apurar a data do incêndio. Além do carvão, a exploração e crivagem da área escavada deu muitos fragmentos de cerâmica de *terra sigillata* do século I A. D., fragmentos de cerâmica doméstica carbonizada e ossos de animais, queimados ou meio carbonizados (inclassificáveis).
- C11 (L) — Camada constituída em toda a superfície da planta por um saibro granítico, amarelado, espécie de areia grosseira que recobria a camada inferior (terraço fluvial quartenário). Para todos os efeitos, a última camada arqueológica é a C10 (J).

Da leitura do corte estratigráfico e dos elementos da planta atrás citados com o maior pormenor possível podemos tirar algumas conclusões. Parecem-nos de muito interesse para o estudo de uma das fases da vida na cidade antecessora do velho burgo egitaniense, nos princípios do século I A. D. e até, pelo menos, aos meados do século III A. D., princípios do seguinte. Pouco depois desta época, segundo todas as probabilidades, foi construída a muralha principal da velha cidade (em grande parte ainda existente).

A história relatada neste pequeno corte testemunho pode ser traduzida no seguinte. Sobre o terraço quartenário do Rio Ponsul, que corre a nascente e sul foi edi-

ficado, nos princípios do século I A. D., um edifício destinado a banhos públicos ou a uma casa rica com aquecimento: tanques em alvenaria e *opus quadratum* com reboco espesso e consistente, pavimentos em *opus signinum*, revestimento de bom mármore sacaróide, restos de canalizações constituídas por pequenos *lateres*, canalizações em chumbo (*fistulae*) e *tubi*, clarabóias ou janelas frestas com placas de vidro do tipo das dos edifícios de Pompeia e de outras grandiosas construções, etc.

A presença, no primeiro estrato a contar da base, de cerâmica de *terra sigillata* do século I A. D. indica a época da construção; além disto, a base dos alicerces assenta justamente sobre o terraço quaternário.

Pouco tempo estaria o edifício em funcionamento, pois a camada de cinzas e carvões, em extraordinária abundância, demonstra ter sido destruído por violento incêndio ainda no século I A. D.: atesta-o a *terra sigillata* encontrada. Sobre esta camada de cinzas e carvões vieram a entulhar o recinto fragmentos de construção de toda a ordem, como restos de alvenaria, *lateres*, *tegulae*, etc. Sobre todo este caos de destruição assentou uma camada fina, espessa e uniforme de calça proveniente de rebocos e argamassas. O edifício não parece ter voltado a funcionar, pois os entulhos continuam, formando um cone de materiais diversos até, pelo menos, ao século II A. D.; é prova disso o fundo de *terra sigillata* aretina, com marca do oleiro «ZOILO». No topo da C3 e portanto posteriormente ao século II A. D., aparecem materiais grosseiros provenientes do enrocamento do alicerce de uma outra construção; ela deveria ter existido sobre o velho edifício e talvez tivesse sido feita à custa de materiais retirados deste. No corte da C2 vê-se uma espécie de enrocamento tosco a servir de alicerce a uma construção muito mais moderna que o balneário.

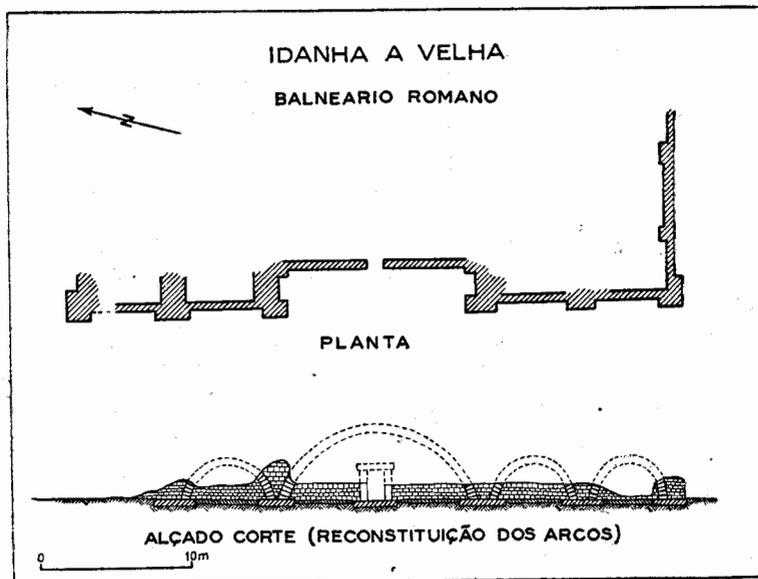
O pavimento em argamassa, de pouca espessura, encontrado a cota mais elevada a este enrocamento e a nascente do corte agora feito, demonstra bem ter existido outro edifício construído sobre a antiga construção do século I A. D. e que um violento incêndio deve tê-lo destruído, conforme se pode deduzir do corte agora feito e interpretado.

Do exposto, mais uma vez se pode afirmar quanto é útil e proveitoso para a investigação arqueológica, mesmo

em épocas bastante recentes, a execução de um corte estratigráfico, ainda que de pequena extensão, feito com todo o cuidado e observação.

Sabemos agora que no início do século I A. D. se construiu um edifício; pensamos ter sido um balneário, que pouco depois ardeu. Pena é não podermos ainda verificar se este incêndio foi local ou se atingiu toda a velha cidade lusitano-romana.

Se recordarmos as invasões dos Francos no século III e as destruições largas que praticaram na Península, principalmente a do ano 257, podemos pensar em um primeiro arrasamento da capital da *Civitas Igaeditanorum*, a futura Egitânia, na segunda metade daquele século. E talvez date de então a ruína do possível balneário onde fizemos o presente corte estratigráfico.



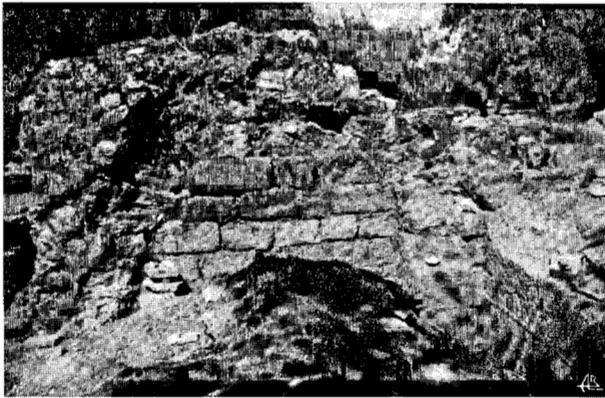


Fig. 1 — Vista do cunhal do Balneário, por detrás do qual se fez o corte testemunho.

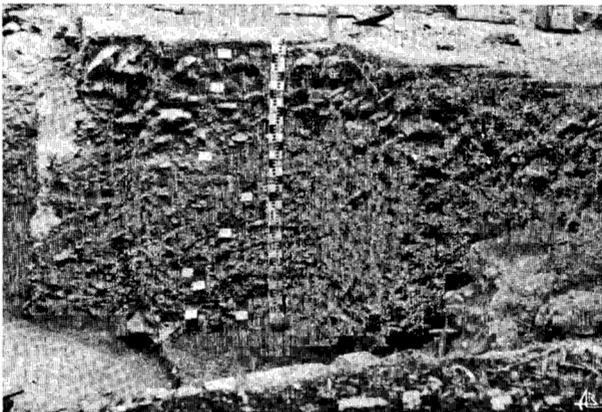


Fig. 2 — Final da execução no corte testemunho através a camada do incêndio.